

MUITO DEPENDERÁ DA NIGÉRIA

Uma grande parte da evolução da África Ocidental, durante as próximas décadas, vai depender da Nigéria, que tende a ser a quinta potência mundial, em termos populacionais, com uns previsíveis 326 milhões de habitantes, em 2050, segundo dados das Nações Unidas e de Washington.

A Nigéria, um parceiro comercial da China, com eleições presidenciais previstas para os primeiros meses de 2011, poderá em grande medida determinar, para o bem ou para o mal, a evolução de todo o espaço compreendido entre a Mauritânia e os Camarões, que é aquele sobre que nos estamos a debruçar neste estudo.

Da forma como ela conseguir gerir as relações entre civis e militares, entre muçulmanos do Norte e cristãos do Sul, entre centenas de etnias, umas maiores, outras menores, dependerá em grande parte o que vier a acontecer no Níger, no Togo e nos demais países da África Ocidental. A tendência dos militares para, ao longo dos anos, se terem aproveitado muitas vezes das fragilidades existentes entre os civis e um certo pendor para a corrupção marcaram muitas vezes os primeiros cinquenta anos de uma federação independente que aspira a ter um lugar de membro permanente no Conselho de Segurança da ONU. Agora, o Movimento de Emancipação do Delta do Níger (MEND), por alturas do Biafra de há quatro décadas, é mais uma das dores de cabeça do país, que rivaliza com Angola na primeira linha da produção de petróleo a sul do Sara.

Já lhe têm chamado a maior democracia de toda a região, mas isso é apenas baseado no número dos habitantes e não na qualidade das instituições, que deixam a desejar, apesar de se elegerem os membros das assembleias estaduais, os governadores dos estados, os senadores, os deputados e os presidentes. A Nigéria ainda terá de provar se está ou não à altura das circunstâncias.

caldo fértil para toda a espécie de aventuras a que alguém se queira lançar desde as imensidões desérticas da Mauritânia até à contestada fronteira entre a Nigéria e os Camarões.

O representante especial das Nações Unidas na África Ocidental, Said Djinnit, tem dito que as perspectivas de realização nessa parte do mundo dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio continuam a ser fracas, sem que a pobreza da maior parte das pessoas diminua.

Namoro a Cabo Verde

A França, país com grandes tradições na África Ocidental, de Dacar a Brazzaville, e os Estados Unidos, ultimamente mais preocupados com a região, têm pensado em atrair para o seu campo a República de Cabo Verde, como um parceiro precioso num combate a todas as espécies de tráfico que passam pela Senegâmbia e pelo golfo da Guiné. Estrategicamente colocadas na parte oriental do Atlântico Norte, abaixo do Trópico de Câncer, as ilhas podem muito bem servir para, a partir delas, se fiscalizarem as costas da Mauritânia e dos países a sul.

Os comércios de emigrantes que a todo o custo querem alcançar a Europa e das drogas que da América Latina são enviadas para

a mesma Europa e para a região do golfo Pérsico-Arábico passam pelo paralelo 20, que separa e aproxima Cabo Verde na costa e no interior das terras africanas. As rotas de contrabando que passam pelo Sul da Argélia e pelas solidões desérticas do Mali e do Níger são como que o prolongamento ou a duplicação das vias de comércio ilícito que se faz no litoral da Senegâmbia e das duas Guiné vizinhas. De modo que as ilhas de Cabo Verde poderiam muito bem funcionar como torres de vigia ou bases de lançamento de grupos operacionais que, em acções rápidas, intervissem em certas situações, ao ser decretado o combate generalizado aos tráficos da África Ocidental e do Sahel. Recordemos que há anos se arrasta a questão do Comando Africano idealizado pelos Estados Unidos e que tem sofrido muitos percalços, uma vez que quase ninguém na África quer fornecer instalações para ele funcionar como deve de ser. A Libéria, uma criação da América do Norte, foi um dos poucos países que admitiu, discretamente, dar uma ajuda ao Pentágono na implementação do referido Africom.

Os liberianos, aliás, também já deram uma ajuda às entidades norte-americanas de combate ao narcotráfico, facilitando a neutrali-

zação de alguns dos barões das drogas. Mas eles são tantos que não basta haver apenas um ou dois governos empenhados na gigantesca tarefa.

As polémicas intervenções militares do Ocidente no Iraque e no Afeganistão, bem como o confronto com o Irão, têm feito esquecer a cruzada idealizada por alguns contra o narcotráfico, as migrações ilegais e a expansão islamita na África Ocidental. Mas um dia esse problema terá de ser encarado mais a sério. Talvez, por exemplo, se a Nigéria, o grande gigante da região, entrar em fortes convulsões, na sequência dos seus muitos conflitos latentes. A forma como decorrerem as presidenciais de 2011 poderá ser um barómetro para se aquilatar do estado de saúde de uma federação que reivindica um lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

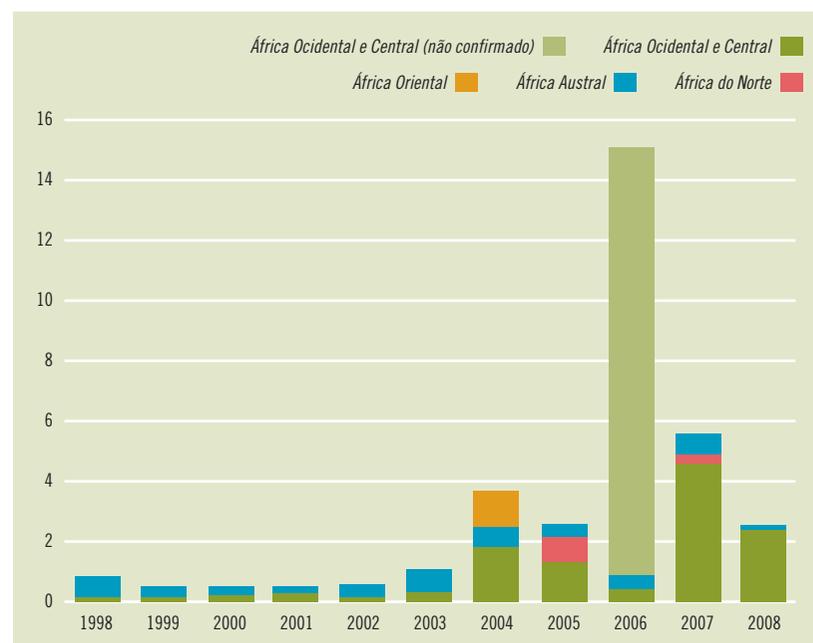
A degradação do marfim

A Costa do Marfim, onde Félix Houphout-Boigny criou uma certa aparência de desenvolvimento, está hoje na prática dividida em duas, a do Norte, sob o controlo das Forças Novas, e a do Sul, a de Laurent Gbagbo, com as eleições da normalização já por tantas vezes adiadas. E é um dos exemplos perfeitos

da artificialidade de tantos dos sonhos de 50 anos, quando se concretizaram tantas das independências africanas. Foi da sua fronteira, recorde-se, que em Dezembro de 1989 Charles Taylor lançou, no condado de Nimba, a rebelião que o iria levar ao poder em Monróvia e a partir da qual impulsionou a tenebrosa Frente Revolucionária Unida (RUF), de Foday Sankoh, na vizinha Serra Leoa. Muita gente tem na língua a expressão “diamantes de sangue”, mas pouco estarão bem conscientes do autêntico dominó de violência e de instabilidade que nas últimas duas décadas cobriu o espaço que da Costa do Marfim sobe à Libéria, à Serra Leoa, a Conacri e a Bissau.

Comércio de armas, fluxo de populações que querem a todo o custo fugir ao inferno das suas terras e dinheiro fácil obtido mediante a cumplicidade com o narcotráfico são facetas várias de uma mesma manta que se estende de Nouakchott ao delta do Níger, a região africana sobre a qual aqui tentámos reflectir.

Alguns países estão a ser mais afectados do que outros, mas quase todos eles têm armas e pobreza a mais, desenvolvimento a menos. Daí que tantos dos seus naturais procurem vir trabalhar para a Europa, trocando inclusive profissões de juizes ou jornalistas por trabalhos como os de segurança ou de ajudante de pedreiro. ■



Apreensão de cocaína em África, 1998-2008 (em toneladas). Fonte: UNODC, relatório 2010.